

# **DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS ENTRE POESIA, TEOGONIA E FILOSOFIA, SEGUNDO EUDORO DE SOUSA**

Luís Lóia

Universidade Católica Portuguesa  
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa  
(351) 217 214 000 | [info@reitoria.ucp.pt](mailto:info@reitoria.ucp.pt)

**Resumo:** Na obra de Eudoro de Sousa encontramos um pensamento que se debruça sobre as culturas pré-helénicas, e aí, sobre uma religiosidade que patenteia uma unidade a-histórica entre Deus, o Mundo e o Homem.

**Palavras-chave:** "Eudoro de Sousa", culturas pré-helénicas, religiosidade.

**Abstract:** In the work of Eudoro de Sousa we find a thought that focuses on pre-Greek cultures, and there, on a religiosity that patents a unit ahistorical between God, the world and man.

**Keywords:** Eudoro de Sousa, pre-Greek cultures, religion.

## Introdução

Em Eudoro de Sousa encontramos um pensamento que se debruça sobre as culturas pré-helénicas, e aí, sobre uma religiosidade que patenteia uma unidade a-histórica entre Deus, o Mundo e o Homem.

O mito, *na* sua origem, diferente já do mito *da* Origem, apresenta-se, assim, como instância cultual em que mito e rito são indiferenciados. Esta indiferenciação ou unidade primordial, é apartada primeiro pelo relato mítico, pelo mito verbalizado, e depois pela poesia e este apartamento é extremado pela interpretação lógico-filosófica, cossista, e pela interpretação do relato poético.

Este itinerário culmina num carácter *desumano* que Eudoro de Sousa atribui à civilização, primeiro grega e depois, diremos, à própria civilização Ocidental de matriz judaico-cristã.

*Desumano* aqui refere-se ao aparecimento do Homem, isto é, à passagem da confluência vivencial no plano da Origem, para o plano da vida do originado; à passagem de uma vivência a-histórica, para a vida cronológica; à passagem da *dança*, para o poema e depois para o discurso lógico-filosófico. Quer isto dizer que a linguagem do homem não é a linguagem dos deuses e não é a linguagem da própria natureza, é apenas, de outro modo, a linguagem do Homem sobre deus e sobre a natureza.

Esta passagem, esta *desumanização*, inicia-se, em primeiro lugar, pelo apartamento da inicial e original indiferenciação entre rito e mito – nessa indiferenciação deuses e homens dançam no mundo, num mesmo mundo, também ele indiferenciado, sendo os deuses ainda inominados mas presentificados –, esse apartamento, dizíamos, dá-se com a instauração do relato mítico – Mitologia – e da poesia. O mito deixa de ser ritualmente dançado e passa a ser catando quebrando a inicial indiferenciação. Em segundo lugar, o relato mítico assume a forma poética e é aí que, segundo Eudoro, pela mão dos poetas Homero e Hesíodo, tem origem a *Religião Grega*, pois que é por aí que se opera a transição da cultura pré-helénica para a cultura helénica. Marco significativo e exemplar do afirmado é que a obra dos poetas é teagónica, pois que, segundo Eudoro, os poetas conferiram «a teogonia aos helenos e, aos deuses, os respetivos cognomes»<sup>1</sup>. A cognominação dos deuses, instaurada pela palavra do

---

<sup>1</sup> SOUSA, Eudoro, *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*, Lisboa IN-CM, 2000, pág. 74.

homem, pela poesia, é, também, a manifestação da cisão da indiferenciação e é ponte para o filosofar.

### **Do *sim-bólico* e do *dia-bólico***

Em *Mitologia, História e Mito*, começa por afirmar que o homem é aquele que recusa o que gratuitamente lhe é dado, isto é, recusa-se a si próprio, recusa a sua natureza. Tal como refere o autor: «O que se dá com o Diabo é a fragmentação, a divisão arbitrária da unidade manifestada pelo Um»<sup>2</sup>. “Um” este que já não é trino nem trinitário mas sim separado, agora em três, pela afirmação de um dos termos da relação, a saber, o Homem fechado sobre si próprio e indisponível para a abertura ao outro, ao mundo e a deus.

A cisão ou recusa dessa gratuita unidade indiferenciada acentua-se com a separação ou especialização dos termos – antes eles também indiferenciados – mito e rito, isto é, da passagem do drama cultural ao poema, da passagem do inominado, conhecido porque vivenciado, ao nominado, conhecido porque alegoricamente diferenciado. É neste sentido que a *Teagonia*, de Hesíodo, pode representar o despertar da história e do homem grego, isto é, é o instaurar das categorias de espaço e de tempo que institui a necessidade, por um lado da sequência cronológica dos acontecimentos, por outro lado do palco ou cenário em que esses acontecimentos decorrem.

Assim, a passagem constantemente enunciada do *mito* ao *logos*, operada e identificada na teorização pré-socrática sobre a *physis*, não é mais do que a radicalização do tal apartamento da unidade primeira e Original. Aí se dá o primeiro passo da passagem de uma linguagem *sim-bólica* (mítico-cultural) para uma linguagem *dia-bólica* (lógico-discursiva). Perde-se então a conceção simbólica da realidade, em que Deus munda e humaniza, a favor de uma conceção do real, que desliga os termos da unidade, pela afirmação do Homem que identifica, categoriza e hierarquiza o mundo que constrói e em que vive.

Entre esse momento de vigência do impulso mítico como ordenador do ser e o exercício continuado do triunfo da racionalidade, constata Eudoro, temos vivido no tempo e no espaço objetiváveis, numa lógica cousísta e auto-destruidora que, *por intervenção diabólica*, se apresenta como a melhor e a derradeira aquisição do

---

<sup>2</sup> SOUSA, Eudoro, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa IN-CM, 2004, pág. 94.

espírito humano, isto é, o Homem como construtor de si, do seu mundo e do seu deus.

Como afirmado, a cisão entre o divino e o humano ocorre pelo exercício, primeiro do relato sobre o mito e a poesia, depois pelo exercício discursivo filosófico. Neste sentido, a cisão cria um mundo ilusório através da instauração de uma ordem cronológica, histórica, e espacial dos acontecimentos. Esta categorização e objetivação do mundo não é mais do que um reflexo de toda a cultura Ocidental que se desenvolve a partir daí até aos nossos dias. Um afastamento progressivo que vai do deicídio ao homicídio, um apartamento descente conducente a um encarceramento ou “encavernamento” obscurante e, por último, à aniquilação do próprio homem.

### **Complementaridade de codificações**

Em *Horizonte e Complementaridade. Sempre mesmo acerca do mesmo*, Eudoro de Sousa, propõe-nos a consideração da mitologia e da metafísica (filosofia) como codificações do “mistério do horizonte”. Tal indagação passa pois pela consideração da possibilidade da co-existência de horizontes: por um lado, o horizonte simbólico, indistinto e misterioso, da codificação mítica e, por outro lado, o horizonte geográfico, da Escola de Mileto, que busca esse primeiro princípio, esse horizonte originário, ainda e sempre no âmbito da inquirição sobre a *physis*, seja ele definido ou “indiferenciado”.

Esta oposição entre uma codificação que é pré-lógica e outra que é lógica é aparência de uma complementaridade. Segundo afirma: «A verdade muda, isto é, o real, qualquer que ele seja, desoculta-se (tanto quanto se oculta), não em mais ou menos verídicas expressões, que, vistas ao invés, seriam erros mais ou menos próximos da verdade, mas sim, por respostas diversas a diversas solicitações. Pertence a certo género de solicitação do real opor imaginação mítica a pensamento lógico-discursivo, como definitivamente inconciliáveis, no plano em que se busca a verdade, e depois, anular a oposição, excluindo o extremo representado pela imaginação mítica. [...] qualquer oposição de extremos contraditórios é redutível a uma complementaridade, o que, para nós, significa que o “mesmo” se oculta por detrás da contradição»<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> SOUSA, Eudoro, *Horizonte e Complementaridade. Sempre o mesmo acerca do mesmo*, Lisboa, IN-CM, 2002, pág. 50.

Como já afirmado, nestes dois mundos, nestas duas configurações, uma indiferenciada e inominada, outra diferenciada e cognominada, numa o *além-horizonte*, noutra o *aquém-horizonte*, estão sempre jogados Deus, Homem e Mundo. A compreensão da relação, por um lado simbólica, por outro, lógico-objetivante, dá-se, segundo Eudoro, pelo mesmo processo de análise das codificações do mistério do horizonte, isto é, pela sua complementaridade. Neste mesmo sentido se compreende que a relação dos termos Deus, Homem e Mundo seja posta em termos de uma complementaridade triangular em que no vértice está Deus e na base, frente a frente e ao mesmo nível, estão o Homem e o Mundo. No fundo, «[...] cosmogonia, teogonia e antropogonia situam-se como os três vértices de um triângulo»<sup>4</sup>, que reúne a origem e o originado, o que é e o que vem a ser.

Uma vez que este triângulo «É símbolo, visto do vértice para a base, é complementaridade, visto da base para o vértice»<sup>5</sup>, será a realidade simbólica, na qual o homem participa por «cognição activa ou por acção cognitiva»<sup>6</sup>, a resolver a particularidade na universalidade, a singularidade na unidade e o originado na Origem. Assim, a verdadeira realidade – simbólica – é originária e não originada, é a-histórica e não cronológica, é pré-lógica, liminar do próprio pensar categorial, «[...] é pura expressão do encontro de homens com deuses, em um mundo que é, para cada encontro, o cenário em que o mesmo decorre»<sup>7</sup>.

Esta unidade indiferenciada de sentido encontramos nós na dimensão simbólica da realidade instituída pelo rito. O rito reúne dois opostos, de dimensões ou planos de existência diferentes, em um símbolo que é, em si, manifestação da unidade dada pelo Ser. Assim, o mundo simbólico, desse *além-horizonte*, é a própria verdade daquilo que se manifesta no mundo diabólico, deste *aquém-horizonte* onde existem apenas coisas. Exemplo dessa possibilidade de ultrapassagem ou do desligarmo-nos do mundo objetivo, do mundo das coisas, é a própria celebração dos ritos religiosos e aí, em particular a religião cristã assume, para Eudoro, um papel central dada a sua dimensão sacramental. Com efeito, no sacramento se reúnem dois diferentes que se anulam na sua individualidade, religando-se na mesma Origem donde frutificaram.

---

<sup>4</sup> SOUSA, Eudoro, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa IN-CM, 2004, pág. 68.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pág. 79.

<sup>6</sup> SOUSA, Eudoro, *Dionísio em Creta*; Lisboa, IN-CM, 2004, pág. 99.

<sup>7</sup> *Ibidem*, pág. 117.

## Conclusão

Recuperar essa unidade primordial, reparar esse mundo quebrado, por iniciativa do próprio homem implica que este não se confine ao “humano, demasiadamente humano” mas que se lance na busca dessa transcendentalização do objetivo através da Arte, da Religião e da Filosofia. Será nesse horizonte trans-objectivo que a verdadeira realidade será expressada e aí possibilitada a visão do Absoluto nas suas «Fulgurações Ofuscantes». Isto é, invertendo a passagem do inominado ao cognominado pelo nominado, o que se aponta agora é a passagem do *aquém-horizonte* coisista para o *além-horizonte* simbólico, onde será possível o encadeamento com a ofuscante fulguração do Absoluto situado nesse *extremo-horizonte*. Caso não o façamos vivificamos um mundo sem Deus e apartamos Deus do mundo. Temos que fazer morrer a nossa condição...

«Essa morte, que o é, por despersonalização, por isso mesmo é êxtase, rejeição do “mim mesmo”, à beira de cada um dos três horizontes: primeiro, o do “objectivo-coisístico”, depois, o do trans-objectivo simbólico e, por fim, o da Excessividade Caótica do Ser ou da Existência existencializante. Quem não renuncie a si mesmo, não morre; só acaba, e acaba, sem querer, por já não ter o que teve e sempre quis ter».<sup>8</sup>

Esta morte, neste sentido, será possibilitada, segundo Eudoro, por uma renovada compreensão e exercício da Religião, da Arte e da Filosofia.

Deste modo, a Religião, a Arte e a Filosofia são as vias para a descodificação dos mistérios divinos, no entanto, só acessíveis àqueles que estão disponíveis para serem agraciados. Assim, não se trata de um empenho pessoal em ordem ao trans-objectivo, pelo contrário, é o próprio trans-objectivo que se apropria da disponibilidade total daquele que se despersonaliza, que se desapropria de si e dos seus objetos, das suas coisas, do seu mundo. Essa ausência de si mesmo, esse afogamento no Nada será condição para que o Todo possa emergir, para que a presença preencha a ausência, para que o símbolo substitua o objeto, para que os deuses *dancem* com os homens num mesmo cenário indistinto, para que a Origem se cumpra, na unidade que lhe é inerente, entre o princípio e os fins.

---

<sup>8</sup> SOUSA, Eudoro, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa IN-CM, 2004, pág. 129.